

# 30 DE AGOSTO

## Dia nacional de Mobilizações e Paralisações

# Venha fortalecer a luta da juventude e dos trabalhadores brasileiros!

O Brasil atravessa um momento decisivo. Dez anos após a chegada do PT ao Palácio do Planalto, um movimento de massas como há muito não se via tomou as ruas das principais cidades brasileiras para reivindicar tarifa zero e a melhoria dos serviços de transporte público, com protagonismo da juventude.

Esse movimento, no entanto, não se restringiu a uma única causa. Pautas históricas do movimento social, como a ampliação dos investimentos em saúde e educação, contra o uso de dinheiro público em obras para a Copa do Mundo, contra a corrupção e a homofobia ganharam as ruas, de modo que a própria política econômica dos governos Lula e Dilma passou a ser questionada.

A repressão policial sistemática às manifestações (que acabou atingindo um companheiro técnico-administrativo da UNIRIO, no Rio de Janeiro) e a infiltração de agentes a paisana nos protestos não freou a luta.

Paralelamente, a popularidade do governo federal e dos governos estaduais seguem em queda, mostrando que a população está responsabilizando-os pelo não atendimento das reivindicações levadas às ruas.

### Uma nova conjuntura

É inegável que as “Jornadas de Junho” e as inúmeras manifestações por melhorias no serviço público e melhores condições de vida abriram uma nova etapa na conjuntura política do país, de modo que, neste momento, os trabalhadores têm diante de si a oportunidade histórica de colocar o governo e as classes dominantes contra a parede.

Esse movimento só pode ser feito a partir da mobilização pela elevação geral dos salários, investimento efetivo nas áreas sociais, suspensão das privatizações, revogação da Reforma da Previdência e abolição da EBSERH e da FUNPRESP (fundo de previdência criado por Dilma).

Fortalecer as mobilizações iniciadas em junho sig-

nifica, neste momento, impedir que o governo aplique suas políticas de desmobilização (como o “plebiscito” sobre a “reforma política”) e evitar que todas as vitórias conquistadas se transformem em graves derrotas. É preciso dar um basta na onda de privatizações, precarização do trabalho, retirada de direitos, sucateamento dos serviços públicos e criminalização crescente dos trabalhadores e a juventude.

A indignação dos trabalhadores brasileiros ficou mais evidente durante o Dia Nacional de Lutas, Paralisações e Greves convocado pelas centrais sindicais brasileiras no último dia 11 de julho.

Neste dia 30 de agosto, um novo dia de mobilizações e paralisações foi convocado pelas centrais sindicais e pelas entidades nacionais de servidores públicos federais, como a FASUBRA. Na Unicamp, os trabalhadores paralisam as atividades para exigir democracia, o fim das terceirizações e dar continuidade à luta por isonomia.

### A luta na Unicamp

Enquanto muitas universidades públicas Brasil afora adotam o modelo de eleições diretas e paritárias para a escolha de seus reitores, a Unicamp mantém um modelo de consulta antidemocrática, que promove a divisão da comunidade acadêmica e coloca a decisão final nas mãos do Governo do Estado. O dia-a-dia da Universidade também é decidido de forma autoritária pelo Conselho Universitário, que não permite a participação de funcionários terceirizados e dos trabalhadores da Funcamp, que são parte importante da comunidade universitária. Tudo isso é sustentado por um estatuto defasado, constituído no período da Ditadura Militar para reprimir trabalhadores e estudantes. A própria Secretaria Nacional de Justiça solicitou recentemente que a reitoria reveja o estatuto da Universidade e suprima trechos que violam os preceitos da Constituição de 1988.

Ao mesmo tempo, as terceirizações avançam na Universidade, consolidando o processo de privatização do ensino público que se arrasta no país desde a década de 1990. Os casos mais exemplares são os da Limpadora Centro (cujas trabalhadoras realizaram uma greve por melhores salários e condições de trabalho no último mês de julho), e o da Funcamp, que mantém mais de 5 mil funcionários realizando as mesmas atividades de um técnico-administrativo concursado com salários inferiores e condições contratuais precárias. O próprio Tribunal de Contas do Estado questionou a “terceirização desmedida” de serviços à Funcamp em seu relatório sobre as contas do exercício de 2011.

No entanto, apesar de todos os ataques da reitoria e dos governos, os trabalhadores da Unicamp vêm conquistando vitórias importantes no último período. Depois da greve de 2011, a categoria se manteve mobilizada e conseguiu que a reitoria iniciasse a retomada da isonomia salarial com a USP, bandeira histórica dos trabalhadores das universidades estaduais paulistas. Esse plano de implementação, no entanto, não garantiu a equiparação imediata dos pisos salariais como era exigido pelo movimento. Por isso é fundamental que os trabalhadores da Unicamp se mantenham em luta.

Para o STU, as lutas da Universidade por uma educação pública, gratuita e de qualidade, com a valorização permanente de seus trabalhadores, está profundamente relacionada com o atual contexto de mobilizações populares no Brasil. Por isso, o dia de hoje será dedicado a mobilizar a comunidade acadêmica para o debate sobre a situação política em que vivemos e as tarefas da juventude e da classe trabalhadora. Participe das atividades promovidas pelo sindicato e do ato unitário às 17 horas no Largo do Rosário.

**Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp  
Gestão Vamos à Luta!**

